

# LA PENSÉE FÉRALE

Juliana Fausto<sup>1</sup>

## Resumo:

Examino a ideia de feral como aquilo que nem pertence à natureza e nem à cultura. Os cães ferais da floresta da Tijuca me permitem considerar para o que aponta esses exemplares. Introduzo a ideia de Anna Tsing acerca de um pensamento feral em sua importância cosmopolítica.

**Palavras-chave:** Feral, Pensamento Feral, Cães Ferais, Anna Tsing

## Abstract:

I examine the idea of feral as that which neither belongs to nature nor to culture. The feral dogs of the Tijuca forest enable me to consider what these specimens point towards. I introduce Anna Tsing's idea of a feral thought in its cosmopolitical importance.

**Keywords:** Feral, Feral Thought, Feral Dogs, Anna Tsing

“Um animal é classificado como feral quando se trata de um animal doméstico que vive em um hábitat selvagem, sem alimentos ou abrigo fornecidos por humanos, e que mostra alguma resistência ao contato com pessoas” (VILELA, LAMIN-GUEDES, 2014, p. 199), afirmam os biólogos. Algumas das espécies mais comuns que se tornam ferais são gatos, cães, cavalos e porcos. Uma vez espécies companheiras (cf. HARAWAY, 2003; 2008), quando o pacto estabelecido há milhares de anos pela codomesticação é quebrado, elas têm a capacidade não de voltar a ser lobos, seus antepassados selvagens no caso dos cães, mas de se tornarem outros. Tornam-se ferais. Claude Lévi-Strauss cunhou o conceito de *pensée sauvage*, não o pensamento dos selvagens, como somos frequentemente lembrados, mas um tipo de pensamento “indomado”, mantido vivo no mundo ocidental moderno dentro de “reservas naturais” como as da arte, como o antropólogo diria. Os cães não são considerados animais selvagens; são, em sua maioria, uma espécie-com-humanos. Comensais. Isso não significa que não poderiam experimentar seu próprio tipo de pensamento selvagem – ou mesmo um

---

<sup>1</sup> Juliana Fausto, PGFILOS/UFPR PNP/CAPEL. O texto ora publicado é a versão de um ensaio-manifesto escrito diante de uma série de fotografias do artista plástico Daniel Steegman Mangrané, obra em co-autoria.

pensamento domesticado, quem sabe. Mas que modo de pensar é expresso quando estes dois mundos desmoronam, os pactos são quebrados, seu mundo é ferido, eles se tornam sem-humanos e, assim, ferais? É possível que *la pensée férale* torne viável a sobrevivência no Antropoceno?

As fotos de Daniel Steegmann Mangranné<sup>2</sup> foram tiradas em uma das maiores florestas urbanas do mundo, localizada no Parque Nacional da Tijuca. A área antigamente consistia de plantações de café e cana de açúcar, que estavam causando mudanças nos padrões de chuvas, pondo em perigo o abastecimento de água no Rio de Janeiro. Assim, em 1861, seguindo as preocupações do imperador brasileiro D. Pedro II, um grupo de homens escravizados (a lenda diz que seis deles, mas pesquisadores atualmente afirmam que um número crível seria de 20 a 30) plantou 100.000 sementes de plantas, em sua maioria. A floresta se tornou um Parque Nacional em 1961, por uma ordem executiva – uma “reserva natural”.

Os cães ferais, criaturas que não pertencem nem à natureza nem à cultura, são agora considerados um perigo ecológico para as espécies nativas que vivem no Parque Nacional. No entanto, vemos seus olhos nos troncos das árvores. Estariam eles se tornando uma criatura quimérica, um corpo, organismo de mais de uma pele, um só com as árvores? Será que as árvores estão olhando por meio deles? Para quem? Para nós? O que será elas estão vendo, o que estão pensando, o que estão dizendo? Essa é uma questão ou matéria transtentacular, como uma das fotos deixa claro: um polvo-árvore-cachorro que olha diretamente para nós. Trata-se de matéria (em grego *hylé*, floresta, matéria, lenha, assunto; em latim, *materia*, donde floresta, madeira, matriz, mãe) também: casca, musgo, orvalho, cabelo, olho, íris, folha, sujeira, húmus. Cães esquecidos profanam a reserva natural e nos falam sobre a importância dos compromissos, mas também nos falam sobre como a conexão é literalmente uma matéria de mundificação e da possibilidade de remundificação – e sobre como a natureza nunca foi virgem.

A história das reservas naturais é também uma história de expropriação dos povos indígenas. Ela está ligada ao pensamento domesticado que afirma que a cultura e a natureza são reinos separados, um poluído e um puro. Na época em que D. Pedro II acreditou que seria bom ter uma floresta na cidade, havia uma longa história de colonizadores fazendo guerra contra os

---

<sup>2</sup> As fotos, além de uma versão deste ensaio-manifesto, podem ser vistas aqui [https://www.instagram.com/p/CDN\\_CR0AIEs](https://www.instagram.com/p/CDN_CR0AIEs)

indígenas no Rio de Janeiro, dizimando sua população. Atualmente, não é permitido a humanos viverem no parque reflorestado – embora, para consternação dos conservacionistas, favelas cerquem a floresta. Mas antes das *plantations*, da monocultura, povos indígenas costumavam viver lá, com plantas, animais e muito mais. Como novas pesquisas mostram (cf. LEVIS, 2018), os povos indígenas foram responsáveis por moldar a floresta amazônica. Alguns deles inclusive criam cães hoje em dia. A floresta observa.

Em 2019, em um artigo de jornal publicado no *Washington Post* sobre cães como “mamíferos destruidores”, o autor realizou entrevistas com moradores de Ipanema, um bairro rico do Rio de Janeiro. Nenhum deles acreditava que seus cães de raça pura seriam capazes de causar tais danos à floresta. Os pesquisadores concordaram com eles:

O problema, dizem os pesquisadores, não são esses cães, que levam a vida mimada de *pets* europeus ou americanos. O problema são os cães nas comunidades mais pobres e mais rurais, nas quais a vida do cão é mais frequentemente a vida da fome. Eles perambulam pelas ruas dia e noite sem coleira nem dono, procurando comida onde quer que possa ser encontrada – em pilhas de lixo, ao longo das estradas e em florestas e campos, onde formam matilhas para caçar e matar (McCoy, 2019, s/p).

Cães pobres, assim como pessoas pobres, levam uma vida dura. Juntam-se em gangues e matam. No entanto, a floresta, plantada pelas mãos de homens escravizados, agora cercada por seus descendentes que nunca tiveram nenhuma chance no mundo capitalista, colonialista, vigia.

Pesquisadores australianos, usando dados disponíveis na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN (DOHERTY et al, 2017a; DOHERTY et al 2017b), colocaram os cães “no terceiro lugar depois dos gatos e roedores como os predadores invasores de mamíferos mais prejudiciais do mundo”. Da última vez que verifiquei, os humanos se encaixavam perfeitamente nos critérios para predadores. As florestas, mesmo as jovens – afinal, a da Tijuca tem apenas 160 anos de idade – observam com seus olhos afiados de cão. Elas olham de volta. Pensamos?

Quando era criança, existia uma coleção de vinil chamada Taba com histórias canções e pequenos livretos, cheios de belas ilustrações. Um deles trazia uma canção de Chico Buarque, composta em co-autoria com Francis Hime, chamada “Passaredo”. Sua letra, que me

assombra até hoje, diz assim: Ei, pintassilgo/ Oi, pintarroxo/ Melro, uirapuru/ Ai, chega-e-vira/ Engole-vento/ Saíra, inhambu/ Foge, asa-branca/ Vai, patativa/ Tordo, tuju, tuim/ Xô, tié-sangue/ Xô, tié-fogo/ Xô, rouxinol, sem-fim/ Some, coleiro/ Anda, trigueiro/ Te esconde, colibri/ Voa, macuco/ Voa, viúva/ Utiariti/ Bico calado/ Toma cuidado/ Que o homem vem aí/ O homem vem aí.

Acho que não há dúvidas sobre quem é este homem. É o Anthropos, o civilizado, aquele que feriu a Terra e todos os seus povos. Agora que vivemos em um planeta danificado, como diz Anna Tsing, talvez tenhamos que nos tornar ferais para nos transmutarmos em outra coisa. Como nos ensina a filósofa Eva Hayward: “Somos vulneráveis uns aos outros; nossos corpos estão abertos ao planeta” (HAYWARD, 2001, s/p). O planeta, por sua vez, está ferido, mas não está acabado. Aqueles olhos solitários em uma floresta urbana são testemunhas.

O filósofo, ativista e ator Russell Means, membro do povo Oglala Lakota, disse que “quando a catástrofe terminar, nós, povos indígenas americanos, ainda estaremos aqui para habitar o hemisfério. Eu não me importo se será apenas um punhado de gente vivendo no alto dos Andes. O povo indígena americano sobreviverá; a harmonia será restabelecida” (MEANS, 2020, p. 14). Aqueles de nós que não são indígenas, se quisermos ter uma chance de sobrevivência, talvez tenhamos que nos tornar ferais e esquecer aquela humanidade que pássaros e cães e tantos outros aprenderam a temer ou talvez até a odiar – e nos tornarmos outros. Essa pode ser a lição dos latidos dos cães, dos troncos-cães (*dog barks*), dos olhos nos troncos das árvores de uma floresta construída em conjunto por muitos, incluindo a si mesma, como toda floresta é. Propomos um pensamento feral, uma mundificação feral, florestas ferais habitadas pelos “futuros organismos que estamos nos tornando” (2001, s/p), como Hayward, mais uma vez, diz. Este não é um caminho fácil, mas gostamos de pensar que ressoa com a utopia Yin de Ursula K. Le Guin, aquela que “envolve a aceitação da impermanência e da imperfeição, uma paciência com a incerteza e o imprevisto, uma amizade com a água, a escuridão e a terra”. Talvez você possam ver também, se forem capazes de olhar através desses grandes olhos castanhos que observam a floresta da Tijuca nos dias de hoje.

Coda. Pensamento feral

Anna Tsing, que vem trabalhando com o conceito de feral, o define como o conjunto de “reações não projetadas às infraestruturas humanas” (TSING, 2019, p. 14). Trata-se de tudo o que, sendo extra-humano, em um projeto humano, escapa e prolifera descontroladamente. A autora pretende considerar a feralidade fora de um âmbito moral, dizendo, por exemplo, que o cogumelo “matsutake é o tipo de vida ‘feral’ que nos dá coragem para continuar” (idem, p. 15). Por outro lado, ela está empenhada em revelar o que chama de uma “visão mais sombria do Antropoceno” ao vestir a máscara de uma profeta do presente capaz de “contar as más notícias ao lado dos esperançosos” (idem). Parece-me que foi com esse intuito que o grande projeto *Atlas Feral: The More Than Human Anthropocene*<sup>3</sup> foi engendrado. No site, lemos que

O Atlas Feral lhes convida a explorar os mundos ecológicos criados quando entidades não humanas se emaranham em projetos de infraestrutura humanas. Setenta e nove relatórios de campo de cientistas, humanistas e artistas mostram como reconhecer ecologias “ferais”, isto é, ecologias que foram encorajadas por infraestruturas construídas-por-humanos, mas que se desenvolveram e se espalharam para além do controle humano. Esses efeitos de infraestrutura, argumenta o Atlas Feral, são o Antropoceno (Atlas Feral).

Isto é, para Tsing, o Antropoceno é o próprio efeito de entidades mais-que-humanas não *gone wild*, mas *gone feral*. A antropóloga, no lançamento do *site*, ao responder a uma pergunta sobre a possibilidade de haver humanos ferais, foi veementemente contra. Seria, segundo ela, algo extremamente racista, dada a história do termo. De fato, o surgimento do termo remonta ao fenômeno das crianças selvagens, classificadas por Lineu da décima à décima terceira edição do *Systema Naturae* como uma subespécie do *Homo sapiens* chamada *Homo ferus*, cujas características seriam ser “quadrúpedes, mudas e hirsutas” (LINEU, 1758, p. 20). Essas crianças foram objeto de muito interesse por parte dos estudiosos no auge das luzes, pois proviam a matéria viva que poderia responder ou confirmar hipóteses que assombravam a época: o homem é sua cultura? É possível fazer a passagem entre o estado de natureza (animalidade, selvageria) e o de cultura (humanidade, civilização)? Em caso positivo, o estado

---

<sup>3</sup> <https://feralatlans.org>

de natureza é uma degenerescência ou o paraíso perdido? Qual é o lugar da história, da História, nesse imbróglio?

De fato, só há racismo e especismo envolvidos no surgimento do termo feral. Por outro lado, será que postular uma universalidade humana também não seria uma forma de violência? Não é possível, para humanos, “escapar aos projetos de infraestrutura humanos”, sabotá-los, readaptá-los, transformar seu sentido? Somos quantas humanidades? Quantas mais-que-humanidades? As readaptações e novos usos do mundo hão de ser sempre catastróficos? Quem é a medida, o *Homo sapiens*? Será que Tsing reconhece aqueles humanos e mais que humanos que deixam Omelas?

Se a proposição de Tsing deve ser levada a sério, e vivemos de fato em um planeta danificado, e se, como assevera Hayward, “talvez o Éden” – isto é, o postulado de uma natureza pura diante de uma civilização poluída, origem de toda sorte de preconceitos contra minorias – “devesse ser destruído de modo a que verdadeiramente cuidássemos do planeta” (2001, s/p), então classificar a maioria das vidas ferais, que nada mais são que arranjos de sobrevivência, como “visão sombria”, não seria uma boa estratégia. Não que esses arranjos sejam sempre harmoniosos, mas corremos o risco de moralizar a agência particular de determinada espécie ou população em suas invenções de vida em vez de buscar compreender os agenciamentos humanos e extra-humanos envolvidos no colapso de determinado ecossistema ou em processos de extinção. Sabemos hoje que algumas operações de extermínio de animais em ecossistemas fechados com intuito de conservação de outra espécie levaram apenas a outros problemas ou à revelação de que há muito mais fatores em jogo (cf. FAUSTO, 2020, cap. 1). No caso da Floresta da Tijuca, o mero extermínio dos cães ferais, além de difícil realização, selaria o abandono desses animais pela espécie humana. Um fracasso multiespécie. Além disso, creio que o “caso” Floresta da Tijuca, envolvendo colonialismo, mudança climática, homens escravizados, favelas, cães pobres e cães ricos, fome, violência, uma separação rígida entre o que é natural, embora plantado (a floresta), e o que é cultural (humanos e cães), constitui um fenômeno propriamente antropocênico, que clama por justiça socioambiental, aquela que envolve tanto a sombra de uma árvore quanto a luz que a nutre.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, as noções de “prática”, “atenção” e “cuidado” tais como apresentadas por Fernando Silva e Silva (2021)

Quanto ao pensamento feral, trata-se do pensamento de um mundo em escombros que, no entanto, ainda deseja germinar. Pragmático, ele se abre para alianças com mundos, imaginações e figurações que não são as suas porque experimentou, na própria carne de suas sinapses, o abandono e a quebra de pactos. Sabe, assim, da solidão, da tristeza e da loucura que emanam de mundo despedaçado. É um pensamento da ruína que insiste em fazer comunidade cósmica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOHERTY, Tim S. et al. *The global impact of domestic dogs on threatened vertebrates*. In *Biological Conservation*, 210, 2017a, p. 56-59.
- DOHERTY, Tim S. et al. *The bark side: domestic dogs threaten endangered species worldwide*. **The conversation**, May 1 2017b. <https://theconversation.com/the-bark-side-domestic-dogs-threaten-endangered-species-worldwide-76782>
- FAUSTO, Juliana. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: n-1 edições, 2020.
- HAYWARD, Eva. When fish and frogs change gender. *IndyWeek*. August 03 2011. <https://indyweek.com/news/fish-frogs-change-gender/>
- HARAWAY, Donna J. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARAWAY, Donna J. **When Species Meet**. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2008.
- LEVIS, Carolina. **Domestication of Amazonian Forests**. Tese (Doutorado em Ecologia). Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia e Wageningen University (Wageningen), 2018.
- LINEU, Carl. **Systema Naturae**. Tomus I. Editio decima, reformata. Holmiae: L Salvii, 1758.
- MEANS, Russell. *Para a América viver, é preciso que a Europa morra*. Tradução de Luciana Campos. In *Caderno de Leituras* n. 99, série intempestiva. Belo Horizonte: Edições Chão de Feira, 2020.
- MCCOY, Terrence. *The dog is one of the world's most destructive mammal's*. Brazil proves it. In **The Washington Post**. August 20, 2019. [https://www.washingtonpost.com/world/the\\_americas/the-dog-is-one-of-the-worlds-most-destructive-mammals-brazil-proves-it/2019/08/19/c37a1250-a8da-11e9-8733-48c87235f396\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/the-dog-is-one-of-the-worlds-most-destructive-mammals-brazil-proves-it/2019/08/19/c37a1250-a8da-11e9-8733-48c87235f396_story.html)
- SILVA E SILVA, Fernando. *Cuidar de los mundos venideros*. In. **DasQuestões**, Vol.8, n.2, abril de 2021. p. 106-112.
- TSING, Anna L. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Tradução: Thiago Mota Cardoso et al. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna L et al. **Atlas Feral**. Site. <https://feralatlas.org>

VILELA, Ana Luiza Oliveira; LAMIN-GUEDES, Valdir. *Cães domésticos em unidades de conservação: impactos e controle*. In **HOLOS Environment**, vol. 14, n. 2, 2014, p. 198-210.